

*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira, 7 de Setembro de 1908

OS NOSSOS

4.ª SERIE

Brindes semanaes

Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Ver se n'estes numeros

N.º a N.º

está contido o numero da **SORTE GRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 11 de **SETEMBRO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 1388** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 18 de **SETEMBRO** de 1908.

2.ª — A este sorteio tem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos **Agentes e Depositarios**.

3.ª — O assignante ou annunciante a quem pertencer o decimo será avisado por um postal enviado pela redacção.



General Leopoldo Cesar de Noronha Gouveia



Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 as 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ++++
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua S. Vicente á Gula, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO
 Ourivesaria e relojoaria
 Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da pêle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pêle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pêle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfréga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

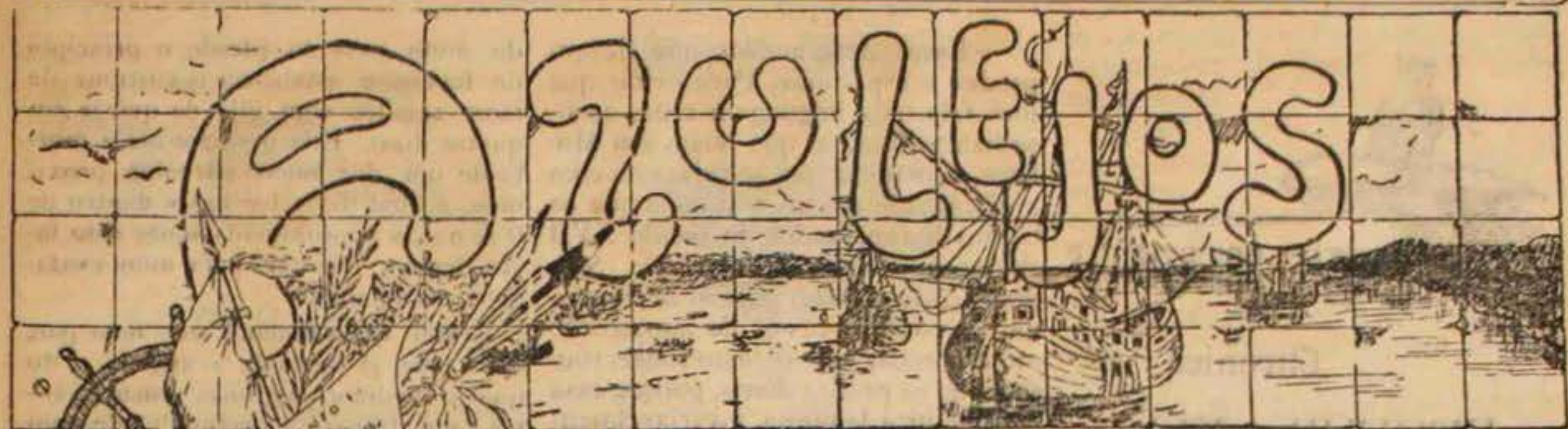
— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completas discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
 A ESTA REDACÇÃO





Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

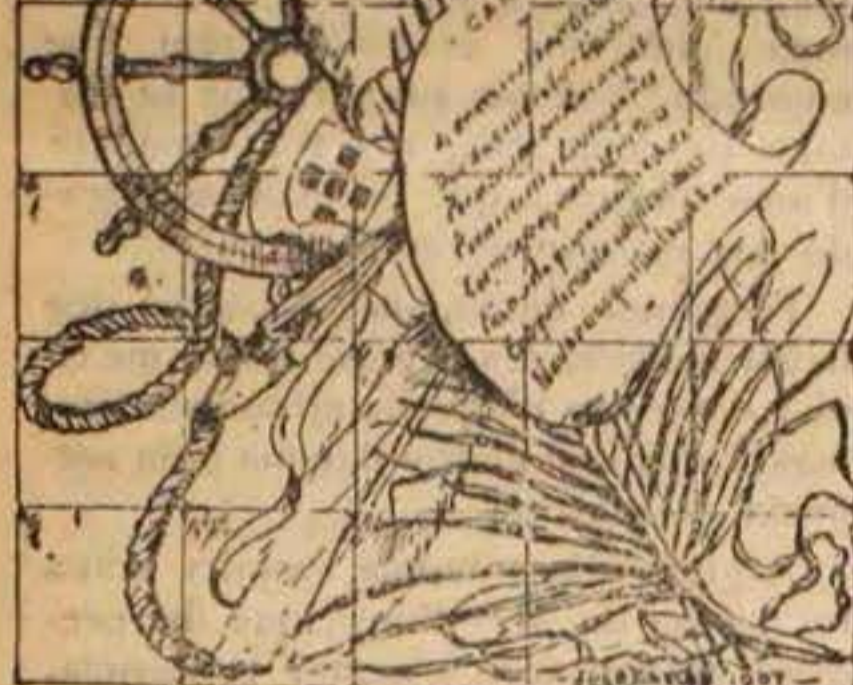
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 7 DE SETEMBRO DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400 •
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 reis.

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS



Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ
 E TORRADAS



alma do povo!... a alma do povo!... acredito lá nisso.

— Não crês? Nesse caso ouve-me. O carro electrico descia a rua do Ouro com a velocidade superior aquélla que lhe impõe o regulamento policial. Ia a nove e a rapidez era ainda augmentada pelo declive. Fiz sinal de paragem: respondeu me uma praga, das que fazem corar as borboléas nocturnas de Citera e o ruido sêco do apparelho, travando de repente. O abalo foi enorme, os passageiros chocaram-se como bólas do loto em saquinho de ramagens, o guarda-freio varou-me com um olhar feroz e odiento. Subi, sentei-me; o carro continuou em carreira desordenada, o ruido do vehiculo era ensurdecidôr; apênas o sebrepujava a sucessiva tempestade de pragas e palavras mal soantes que o guarda-freio saltava aos ventos e entravam como punhaes, nos ouvidos dos passageiros assustados.

— Que quer dizer isto? disse eu voltando-me para o meu visinho da esquerda.

— Quer dizer, respondeu o interpelado, que, alem da electricidade, puxa-nos a cavalgadura do guarda-freio que vae escamado como uma barata com o lombo chamuscado.

— E porque?

— Disseram-lhe, no Rocio, que o filho, um petiz de cinco annos, tinha caido ha meia hora, dum primeiro andar á rua e o homem como doido

tempo metessem a nove para o salvar.

E riu-se. Olhei para o chão, a vêr se lhe tinha caido algum dente com a graça, mas vi que era impossivel, porque o homem era absolutamente desdentado.

— Raios de tresentos diabos, uiva-neste momento o guarda-freio, escumando baba ensanguentada e travando outra vez o carro subitamente— quando acabará esta dança?

E lá partimos novamente, com a velocidade do sistema solar, caminhando para a constelação de Herles.

Estávamos no Atêrro, em frente da rocha do Conde d'Obidos. De repente, o carro moderou brandamente o andamento e parou suavemente, sem abalos, sem gemidos das juntas, roncões do travão, sem pragas do guarda-freio.

Este, socegradamente encostado ao varadim, olhava em frente, procurando furar com olhos de linca a tréva da noite.

Passou um minuto .. dois... três!

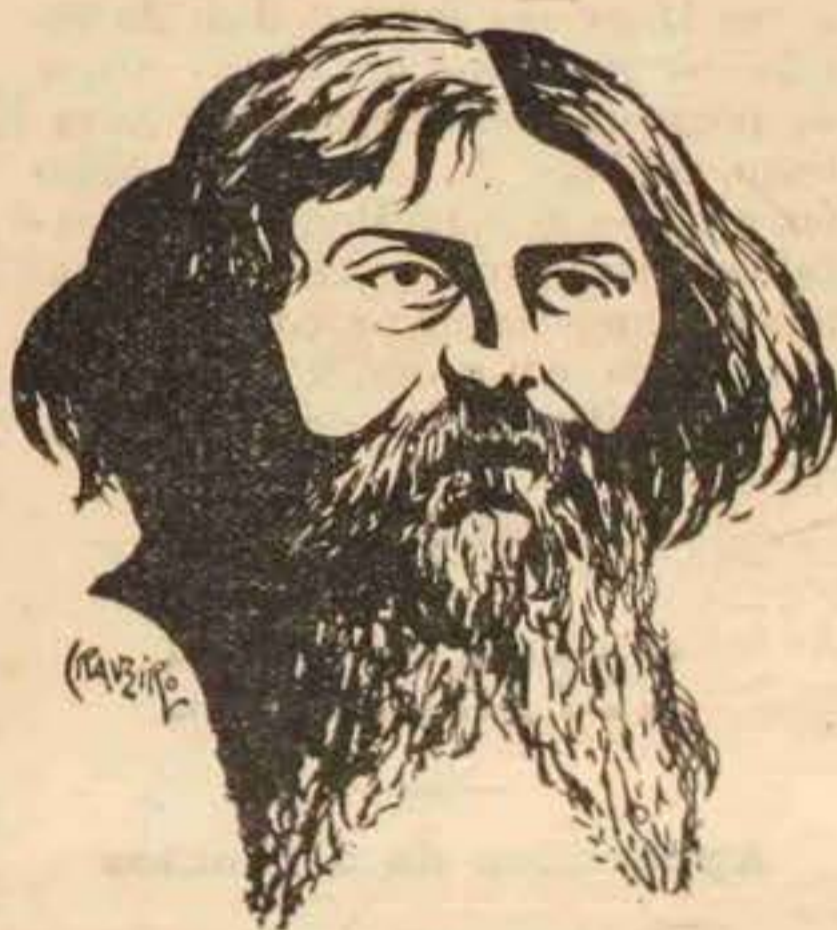
O mesmo socêgo, a mesma ausencia de pragas .. de excitação... de prêssa.

— Oh seu guarda-freio, grita enfurecido o supracitado meu visinho que averiguára da existencia dos electricos no tempo de Cristo—então você ainda agora, ia com tanta prêssa e está aqui parado ha trez minutos sem razão pausivel.

— E' que, disse o guarda-freio, voltando-se para nós, em tom muito humilde — vae passando a linha um aleijadinho e eu não quero atropelal-o.

E espallhou-se lhe no rôsto uma torrente de pranto!

Mascaras illustres



Alphonse Daudet

quer voar afim de largar o carro em St.º Amaro.

— Coitado até certo ponto .

— Qual ponto, nem virgula. Isto o que é, é uma grandessissima pouca vergonha. Que culpa teem os passageiros que o petiz caisse. Note que, por causa dum, vae pondo em perigo a vida de vinte e tantas pessoas.

— No entretanto, um pae...

— Ora adeus, pae de nós todoo era Nosso Senhor Jesus Cristo e não consta que os guarda-freios daquêle



Chronica
PROPHILAXIA
 A arte de viver

Em todos os jornaes do mundo, como elemento de altissima utilidade social, dia a dia se apresentam aos leitores os mais indispensaveis conselhos de prophylaxia.

Pela educação, proveniente do jornal que leva a todas as camadas sociais o seu influxo proveitoso e civilizador, a humanidade deve a este meio de propaganda o melhor reducto na defesa da saude publica.

O *Figaro*, jornal francês, insere artigos de summidades medicas e hygienistas e é do illustre medico Fleury aquelle que vae ler-se e aconselho a todos, que vejam as suas indicações, se quizerem morrer de velhos

«Os alimentos que nos fazem viver, diz este especialista, envenenam-nos um pouco. E' indispensavel, pois, expulsar do corpo os venenos que nos compromettem a saude.

A vida sedentaria que contribue para o enfraquecimento ou retardamento da nutrição, causa de ordinario estas lindas bellezas: atonia do intestino, o arthritismo com as suas manifestações multiplas, obesidade, gotta, arterio sclarose, funcionamento alterado do figado, dos rins, do sistema nervoso-central, etc.

Como combater esses residuos de nutrição que nos causam damno á aude? Em primeiro logar uma prudente hygiene alimentar; depois o exercicio fisico diario, para queimar aes residuos. Os inglêses defendem-se do arthritismo, jogando o *golf*, o *criquet*, o *foot-ball* o *polo* e outros exercicios violentos. A bicyclette um dos deuses bemfazejos, diz o sr. Fleury, é um esplendido exercicio hygienico. Todas as pessoas (não atacadas de tuberculose) deveriam andar pelo menos uma hora todos os dias.

— Morro por ter abusado da carnagem, dizia um bom medico a quem a arterio-sclerose, levou prematuramente ao tumulo.

— Mas objetar-nos-hão, nem todos, por causa da suas occupações, podem jogar o *foot-bal*, o *tennis*, nem andar de bicyclette; ha tal que depois de jantar, repoltreando se na sua poltrona ou calçando as suas chinellas, negar-se-hia a sair á rua, mesmo que lhe dessem a certeza de achar lá uma bolsa pejada de libras.

Resposta do Dr. Fleury:

— Esses desgraçados não devem perder a esperanza. Para evitar que lhes fale uma linguagem crúa, aconselhamos-lhes, a que leiam em Mohère, a materia que se relaciona com a eliminação dessas toxinas a que os nossos antepassados do seculo XVII chamavam *humores peccantes*: *Sanguare*, (sangrar-se) passou já de moda, salvo nos casos de intoxicação muito aguda, mas o resto conservou-se ainda na pratica diaria, porque essa therapeutica legitima, invariavelmente louvavel e efficaz, merece sobreviver aos sarcasmos e ás injurias do tempo.

O meus leitores, perdoem-me o dizer-lhes coisas um tanto prosaicas! Os gregos de Homero não eram mais ferteis em astucias, que o moderno pharmaceutico para multiplicar, variar e apresentar sob fórma accessivel, os salutaes laxantes. Não menos subtis, os fabricantes de aparelhos medicos, regeneraram o velho *cbysterium*, dando-lhe sob fórmas modernas, os nomes honestos e suaves de *enteroclyse* e de *duche ascendente*!

Um escriptôr de muito talento e cuidadoso da sua saude, habituou-se já de ha muito, para se desembaraçar com todo o cuidado dos residuos da sua nutrição, a recorrer todas as manhãs, logo ao acordar, aquella excellente pratica. Dois litros d'agua fervida, mas fria, dão lhe — diz elle — uma tez clara, um espirito lucido, um appetite imperturbavel, uma juventude inesperada. E ainda ultimamente me dizia elle:

«Todos os assumptos são bons a quem Deus não negou o dom do estylo. Se eu tivesse um pouco menos de preguiça e um pouco mais de talento, em logar de ridicularisar, como fez o nosso grande Molière essa excellente lavagem cuja utilidade é manifesta, emprehenderia consagrar-lhe um poema em prosa, á maneira de Abizires Bertrand e de Bandelaire.

ESPIRITISMO

Apparições de defunctos

no leito da morte

3.º caso

Este episodio é tirado do relato do professor Hodgson sobre os phenomenos de M.^{me} Piper, (pág. 21), relato que foi impresso no vol. VIII dos *Annaes*, já citados. Os nomes dos protagonistas d'este factio são apenas designados por sua inicial.

5 d'abril de 1889. — Dirigi-me a casa de M.^{me} Piper no fim de março

do anno passado (desde o principio de fevereiro estabeleci o costume de fazer sessões com ella de quinze em quinze dias). Ella predisse-me a morte de um dos meus parentes proximos, a qual devia ter logar dentro de 6 se nanas approximadamente e do factio deviam resultar para mim vantagens pecuniarias.

Pensei naturalmente em meu pae, de etade já bastante avançada, e do qual o medium, algumas semanas antes, me traçará a personalidade com uma admiravel evidencia, sem que comtudo deixasse suppôr, que se tratava de meu pae, mas simplesmente d'uma pessoa a que eu estivesse ligado por estreito parentesco.

Perguntei então, se a pessoa que devia morrer, era a mesma que me tinha descripto n'aquella circumstancia, mas o medium evitou dar-me uma resposta satisfatoria.

Alguns dias depois, minha noiva foi a casa de M.^{me} Piper, que lhe predisse então, sem a menor reticencia, que meu pae morreria ao fim de algumas semanas.

Pelos meados de maio, meu pae, que se restabelecia d'um ligeiro ataque de bronquite, morreu de repente em Londres, em virtude d'uma paralytia cardiaca; e isto se passou no proprio dia em que os medicos o haviam declarado fóra de perigo.

Algum tempo antes, *Phinuit* (espirito), por intermedio de M.^{me} Piper, me tinha anunciado que iria junto de meu pae, afim de exercer sobre elle sua influencia, relativamente a certas disposições testamentarias que havia feito.

Dois dias depois de ter recebido a noticia telegraphica de sua morte, fui com minha mulher a casa de M.^{me} Piper, e *Phinuit* declarou que meu pae estava presente, e que a sua vinda para o mundo dos espiritos tinha sido subita. Depois assegurou-me ter exercido sua influencia para com meu pae, afim de o persuadir com respeito ás disposições testamentarias referidas. Informou me tambem sobre o conteudo do testamento, descreveu os traços do primeiro testamenteiro, e acrescentou que este, logo que eu chegasse a Londres, viria fazer certa proposta em favor, para depois ser submettida ao assentimento dos outros dois testamenteiros.

Deccorridas tres semanas vim a Londres. O testamenteiro era precisamente aquelle, cuja descripção o espirito *Phinuit* tinha feito; o testamento estava redigido da maneira que me annunciára; a proposta em meu favor foi effectivamente feita, e minha irmã que nunca abandonou a cabeceira de meu pae nos seus ultimos tres dias de vida, contou que o doente muitas vezes se queixou da presença, junto ao leito, d'um velho que o importunava, pedindo lhe para regular as suas cousas.

FIM

Modas e Confecções



sições curtas, a correr, e em pessima calligraphia. Oh! podia fazer mais, muito mais!

N'aquella tarde, o pae chamou o rapaz á parte, e disse-lhe palavras de severidade como elle até então nunca ouvira.

—Julio! tu não vês que eu trabalho, que consumo a vida pela familia? Tu não me auxilias. Tu não tens coração para mim, nem para teus irmãos, nem para tua mãe!

—Ah! isso não, meu pae!... exclamou o filho em copioso pranto. E ia a abrir a bocca para dizer tudo, quando o pae o interrompeu, dizendo:

—Tu bem conheces a nossa posição, bem sabes que é preciso muita força de vontade e sacrificios da parte de todos. Eu proprio, sabe, terei de redobrar os meus esforços, porque contava este mez com uma gratificação de cem liras do caminho de ferro, e soube esta manhã que me não dão nada.

Aquellas palavras soffocaram em Julio a confissão que ia partir-lhe da alma, e de si para si dizia:

—Não, meu pae, não te direi nada. Guardarei o meu segredo e continuarei a trabalhar para ti. Da dor que soffres, e de que sou causa, eu te compensarei d'outro modo. Na escola estudarei quanto baste para ser promovido. O que eu quero é ajudar-te a ganhar a vida e diminuir-te a fadiga que te mata.

E continuou sempre; e passaram-se outros dois mezes de trabalho de noite, de cansaço de dia, de esforços desesperados do filho, e de reprehensões amargas do pae.

O peor era que este se irritava cada vez mais com elle, fallava-lhe raramente, como se fosse um filho indigno, de quem não houvesse mais nada que esperar; e fugia quasi de encontrar os seus olhos com os d'elle.

Julio, comprehendia o bem, e soffria; e, quando o pae voltava costas atirava-lhe furtivamente um beijo, e inclinava o rosto com um sentimento de ternura piedosa e triste.

(Continúa).

SONETO

Sogra minha, coruja que *partiste*
Por certo não do genro *descontente*
Deseança no inferno *eternamente*
Que eu só agora deixo d'andar *triste*.

Se ao caldeirão ainda não *subiste*
E Satanaz teu dono t'o *consente*,
Acceita o meu perdão, sincero, *ardente*
Já que á hora da morte me não *viste*.

Mas se vires que pode *merecer-te*
Ser eterna a ventura que *ficou*
Ao teu genro contente de *perder-te*,

Pede a quem os teus annos *encurtou*
Que nunca mais de cá me leve a *ver-te*
Já que enfim dos meus olhos te *levou*.

A. NRVES.



ALVORADA...

N'este mundo de dôr, de crimes e traições,
Em que o Bem é um mytho, o Amôr uma
utopia,
Surgiu meiga visão á clara luz do dia
E altiva assim bradou ás densas multidões:

Meu gladio cruzarei na dura liça
Que ha-de romper as trevas do Provir,
Meu sangue verterei por vêr surgir
A aurora da Justiça!

Revoltado, meu estro ha-de vibrar
Contra Deus, que eu descreio sem temor,
O facho da Revolta hei-de atear
E resurgir o Amôr!

Apunhalar bem fundo a hypocrisia,
Que domina a boçal Humanidade,
Do throno derrubar a ty'annia,
Em prol da Liberdade!

São trez soes a refulgir:
Justiça, Amôr, Liberdade!
São a aurora do Provir
Raiando na immensidade!

Quem és tu, ó visão d'instinctos sanguina-
rios,
Pergunta a Humanidade em risos d'ironia?
Mas ella respondeu: Eu chamo-me *Anar-*
chia!
Sou o bem, sou o amôr: o Ideal dos liber-
tarios!...

Lx.ª 24-8-908

MAC-ILLERNO.

O pequeno escrevente florentino

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

O pae não dava por tal. Sómente uma vez, á ceia, saiu-se com esta:

—E' notavel, o petroleo que se gasta n'esta casa, ha um pouco de tempo!

Julio estremeceu, mas o discurso acabou ali e o trabalho nocturno ia continuando sempre.

O peor, foi que, interrompendo assim todas as noites, Julio não dormia bastante; de manhã levantava-se fatigado, e á noite, quando estudava, custava-lhe a sustentar os olhos abertos.

Uma noite, pela primeira vez na sua vida, adormeceu sobre o caderno!

Animo! animo! gritou-lhe o pae, batendo as mãos—ao trabalho!... Elle acordou estremunhado e continuou a estudar.

Mas nas noites e dias seguintes era a mesma coisa, ou peor ainda...

Cabeceava sobre os livros, levantava-se mais tarde do que o costume,

estudava a lição com enfado, e parecia desviado do estudo.

O pae principiou a observá-lo, a preocupar-se com elle e finalmente a admôstalo-o.

—Julio!—disse-lhe uma manhã—tu andas fóra do trilho; não és o que foste. Isto assim não me agrada... Ouve... todas as esperanças da familia se fundam em ti. Eu estou des gostoso entendes?

Com esta censura a primeira verdadeiramente séria que recebia, o rapaz perturbou-se.

—Ah! sim!... pensou elle consigo.

D'este modo com effeito não se pôde continuar! é necessario que tudo se esclareça.

Mas, á tarde, n'aquelle mesmo dia, ao jantar, disse alegremente:

—Então sabem que n'este mez ganhei mais 32 liras a subscriptar do que no mez passado?

E dizendo isto tirou debaixo da meza um cartucho de bolos que tinha comprado para festejar com seus filhos o ganho extraordinario.

E todos applaudiram batendo as mãos. Julio, vendo isto, cobrou animo, e em seu coração disse:—Não, pobre papá, não deixarei de enganarte; farei maiores esforços para estudar durante o dia, mas continuarei a trabalhar de noite para ti, e para todos nós.

O pae accrescentou ainda:—Trinta e duas liras a mais! estou contente. Mas é aquelle lá... (e indicou Julio) quem me desgosta...

E Julio recebeu a censura em silencio, sustendo duas lagrimas prestes a rebentar, mas sentindo ao mesmo tempo na sua alma um prazer immenso. E proseguiu corajosamente.

Mas a fadiga accumulando-se á fadiga, cada vez mais difficil se lhe tornava a resistencia.

As coisas duravam assim havia dois mezes.

O pae continuava a increpar o filho, e encaral-o sempre de sobro'olho carregado. Um dia foi pedir informações ao mestre, e o mestre disse-lhe:

—Sim, vae indo, vae indo, por que é intelligente; mas já não tem a boa vontade que tinha a principio. Cabeceá, boceja, distrae-se. Faz as compo-

Primeiro anniversario do AZULEJOS

Passa no dia 21 do corrente a data do nosso anniversario.

Ha um anno que vimos merecendo o favor dos nossos estimaveis leitores e collaboradores e cumprindo honesta e desinteressadamente todos os compromissos que sobre nós tomámos, fazendo com que o nosso semanario seja a publicação mais barata d'este genero e procurando tornal-o tão interessante e variado quanto possivel.

Desde já agradecemos qualquer obra em prosa ou verso que nos queiram enviar para o numero do dia 21, o que muito nos honrará.

O TEU PESCOÇO

O teu pescôco, anjinho, que primor!
A cutis que t'o cobre setinosa
Conserva a macieza d'uma rosa,
E fa-lo mais que lindo, — encantador!

Essa Venus de Milo tão gabada
P'la sua graça terna e divinal,
Não tem, podes tu crêr, encanto igual
A esse que possues, minha adorada!

Quando t'o fito chego a delirar,
É fico louco, apaixonado, ardente,
Milhões de beijos lhe quizera dar...

E' mais galante ainda do que o julgas!
Mas, olha, o que lamento, francamente,
E' que ell' fôsse mordido pelas pulgas!.

M. CHAGAS.

O AVARENTO

Divagando

A. Barbosa Gama

— Dize-me: — Qual é o teu maior anhelo, a tua maior ambição?!

— «Chegar a possuir o mundo, o universo inteiro...

— Para quê?!

— Para guardar todas as suas ingentes riquezas...

— Onde?!

— «Nos logares mais reconditos, mais obscuros que n'elle possa encontrar...

— Para t'as não roubarem?!

— «Não...

— Então para que as querias occultar assim, aos olhos da Humanidade, se tu eras o seu unico possuidor?!

— «Para que só eu as podesse contemplar...

— É assim é que te sentirias, feliz, unico, potente e incomparavel?!

Só assim é que tu julgarias vér realisada essa tua extraordinaria e inconcebivel ambição?!

— «Ainda não...

— Então o que mais querias, para

te sentires verdadeiramente satisfeito?!

... Não tinhas tu, já, em teu poder, todas as collosaes riquezas que o mundo encerra e que tu, allucinadamente, desijas?!

— Que mais querias?!

— «Queria conquistar as estrellas, os soes, os céus, em summa, os outros mundos que gravitam e giram na incommensurabilidade do espaço...

— E depois?!

— «Depois.. chegar a possuir a omnipotencia de Deus...

Porto, 1907.

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Olhão)

(Dos «Sombrios»: livro inedito).

O Nosso Concurso Artístico

Publicamos hoje a ultima **mas-cara illustre** para as colleções que devem ser entregues até ao dia **10 inclusivé.**

Como o concurso se realisa no dia **21 de Setembro**, pedimos a todas as senhoras e cavalheiros que nos quizeram honrar com o offerecimento dos seus brindes, a fineza de os enviarem em breve prazo, afim de serem expostos ao publico.

RISO E DOR

E' meio dia. O sol, incide, quente
Na parreira verde-ouro. Quando em quando:
Córre o fresco da brisa, levemente,
No hastil as coróllas balouçando

As léves avesitas vão trinando
Seus canticos de amôr, apaixonados:
No beiral dos telhados saltitando,
E nos muros, nos troncos, nos eirados!

Um alvar regozijo tudo infésta,
Córre em camisa uma creança, lésta,
Atráz da maripôsa que volita!

E eu ante esta alegria tão ruidôsa,
Chôro a ausencia de alguém, alma formôsa,
A mais gentil mulher cosinopolita!

ROSA

Não tinha emenda, não. A madrasta ralhava
Batendo-lhe sem dó, pois só quasi de noite,
A recolher a casa, ella continuava.
— Pela primeira vez o pai deu-lhe um, açoitel!

Nunca mais sahirá! Esta má prophecia,
Pronunciou-a então, severamente, e agora:
Pássa com a madrasta, as horas. Que fazia,
(Perguntam-lhe) durante o dia lá por fóra?!

Nunca o disse a ninguem, nem o dirá, apôsto,
Porque ao paterno, lar, só voltava ao só
pôsto,
Mas um apaixonádo, triste, que a seguia,

E cujo amôr, jamais, Rôsa tomou a serio,
Hontem, a soluçar, disse-me onde ella ia:
Sôbre a campa da mãe, chorar p'ro' cemi-
terio!

Lx.º Agosto 908

A. DE SANTA RITA

A NOSSA ESTANTE

Versos simples por José Osorio com prefacio de Alberto Pimentel.

José Osorio quiz colleccionar as suas poesias dispersas e para isso publicou um elegante volume de cento e tantas paginas, dividido em duas partes: *A Serio e a Riv.*

Versos Simples é um livrinho de cantares cheios de harmonia e encantos, de saudade e ternura, onde se espelham os reverberos do sol que doirou a mocidade do poeta. N'elle se encontram paginas a oito, pedaços das phan'asias juvenis de toda a gente, pintadas a tintas fortes descriptas com mestria, exuberancia de ideias, espontaneidade de phrase e riqueza de conceitos.

Nos seguintes trechos do prefacio encontrará o leitor a verdade de toda a obra:

«*Versos Simples*, é um titulo conscienciosamente franco e honesto.

«N'este titulo está o livro; está a sincera e enternecida psychologia do auctor; está, finalmente, a singeleza dos seus processos de factura litteraria.

«Todo o livro, desde a primeira até á ultima pagina, é um cofre de effeitos sentidos e vividos, expressos em cantares, cuja espontaneidade de inspiração, brota como a agua nas fontes cantantes do ermo, ou como as boninas nos valles solitarios que a primavera fecunda.»

E' realmente assim. Poucas vezes um prefacio nos define tão brilhantemente o valor litterario d'uma obra.

Versos Simples idealisa-os qualquer na ardente e deliciosa febre poetica dos vinte annos, mas são raros os que teem o condão de os saber exteriorisar como fez José Osorio.

Do interessante livrinho extrahimos ao acaso a poesia:

TU SORRIAS

Mas tu sorris ao vêr-me
A mim, obscuro yérme
Não te mereço, não.

G. CRESPO.

Pleno baile. Alegremente
Corria a dança. Os chrystaes
brilhavam; luxo esplendente
de riquezas orientaes.

Tu, sentada n'um divan
de estofos adamascados
com teu ar de castellã
vestida d'ouro e brocados,

sorrias com muito enfado...
talvez do grande peccado
que eu commetti n'esse instante

guardando a liga bordada
que aos teus pésinhos de fada
cahiu na valsa ondulante!

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

X. S.

O Caixão

(Conto original)

de Ricardo Teixeira Duarte

...E, no meio da alegria ruidosa dessa ceia de rapazes, a voz grave do Patricio Cruz fez-se ouvir:

«Ha de haver três anos, numa linda tarde d'abril, estava eu sentado na

quando ternamente enlaçados, murmurando doces palavras d'amor, fazendo mil projéto para o futuro e que de repente tropeçassem no hediondo monstro que, inexoravel, lhes clamaria numa gargalhada estridula, orripilante: — «Folgai! folgai, que eu vos espero!...»

«Mas os dois homens haviam já saído, e, erguendo do chão o funebre objéto, lá continuaram o seu caminho...»

o sinistro fréte entrava para o teatro do Principe Real, onde na noite seguinte se devia realizar a primeira representação do «Morto-Vivo», drama cujo segundo acto—lá dizia o cartaz—se passava numa camara mortuaria!...

«Ah! ao ver tal, ao ver que esse caixão que tanto me impressionara, que me sugerira tão sombrios pensamentos, não passava dum mesquinho adereço de teatro, senti uma sensação igual á que sentiria se me tivessem

Portugal pittoresco



AGUEDA. — Um aspecto da villa

minha varanda, lendo o jornal, quando de subito os meus olhos se fixaram em dois moços de fretes que, a passo regular, caminhavam conduzindo um grande caixão forrado de vermelho.

«Ao passarem por defronte duma taberna, pararam, pousaram o lugubre traste e entraram no estabelecimento...»

«A noite vinha caíndo serenamente e, enquanto os dois homens saboreavam lá dentro o «divino licor», o caixão jazia cá fora, á borda do passeio...»

«Os transeuntes, achando o facto vulgar, nem sequer lhe lançavam um olhar distraído... No entanto êle, ali, na rua atravessada continuamente por numerosos entes vivos, era como que um cartaz annunciador da morte!...»

«Sempre com os olhos pregados nêle, puz-me a meditar, e, meditando, fantaziei um par de jovens noivos, cheios de vida, alegres, felizes, avan-

«Era possivel que á mesma hora, na casa habitada pelo corpo a que esse caixão ia servir de leito eterno, estivesse uma mãe chorando amargamente, rôdeada pelos seus pobres filhos que — morto o pai — ficavam na miséria...»

«Sim, era possivel; mas tambem era possivel haver apenas, em lugar desse comovedor quadro, um «herdeiro» ambicioso, voraz, derramando lagrimas ipocritas sobre o corpo ainda quente daquêle que acumulára e aferrolhára por largos ânos, a fortuna que finalmente lhe ia pertencer...»

«Impellido por um força desconhecida, levantei-me, fechei a janela e, sem saber como, achei-me na rua, seguindo a orrivel caixa vermelha!...»

«Tinha caminhado não sei durante quanto tempo, tinha atravessado não sei que ruas, quando de subito estaquei anelante e como que paralisado:

arremessado á cara com um balde d'agua fria...»

«A passos vacillantes, a cambalear como um ébrio, encaminhei-me para minha casa...»

«Deitei-me, Adormeci...»

«No outro dia, ao acordar, lembrei-me da «terrivel» aventura da vespera, soltei uma gargalhada, e, á noite... fui assistir á «primeira» do «Morto-Vivo»

MARIO DE SIRCOANERA.

GRAVURAS

Alugam-se n'esta redacção por preços modicos

As sete maravilhas do mundo

O tumulo de Mausolo

Foi na velha Halicarnasso, cidade de Caria, sob as ruínas da qual existe uma pequena povoação denominada Beldeum, que a rainha Arthemisa consagrou o mais faustoso dos tumulos á memoria de Mausolo, seu irmão e marido.

Em muitas nações orientaes, os antigos usos e costumes legitimavam estas uniões que nós ainda hoje consideramos incestuosas.

Este tumulo, incluído pelos antigos no numero das sete maravilhas do mundo, durante largos seculos, attestou aos homens a intensidade do affecto com que Mausolo foi amado e a profunda magua, que a sua morte causou a sua esposa Arthemisa.

Mausolo, que morreu 353 annos antes de Christo, nascêra em Melisse, cidade proxima de Halicarnasso e reinou vinte e quatro annos. Foi um principe poderoso e muito despota.

Os auctores antigos dizem que Arthemisa votava a seu marido um amor extraordinario, superior ás paixões celebres que a fabula nos conta, superior a tudo quanto seria permittido esperar do affecto humano.

Depois da sua morte, Arthemisa, estreitando-lhe o cadaver nos braços e, regando-o com lagrimas, ordenou que o transportassem ao tumulo com pompa magnificente. No pungir da sua dôr, mandou deitar perfumes nos ossos e cinzas do esposo e reduziu tudo a pó que depois deitou numa taça com agua e bebeu.

São pouco numerosos e todos divergentes na descripção, os auctores antigos que fallam d'este tumulo. Para não occuparmos muito espaço, transcrevemos apenas o que a tal respeito diz Plinio que é tido como auctoridade e que além disso, é quem, de todos fornece mais largas informações.

Foram Scopas, Bryaxis, Thimoteo e Læchares os celebres artistas que trabalharam no Mausoleu. Assim se chama ao tumulo, erigido por Arthemisa a seu marido Mausolo, rei de Caria, fallecido no anno II da centessima sexta olympiada.

Foi por causa d'aquelles artistas que tal obra mereceu ser classificada entre as maravilhas do mundo.

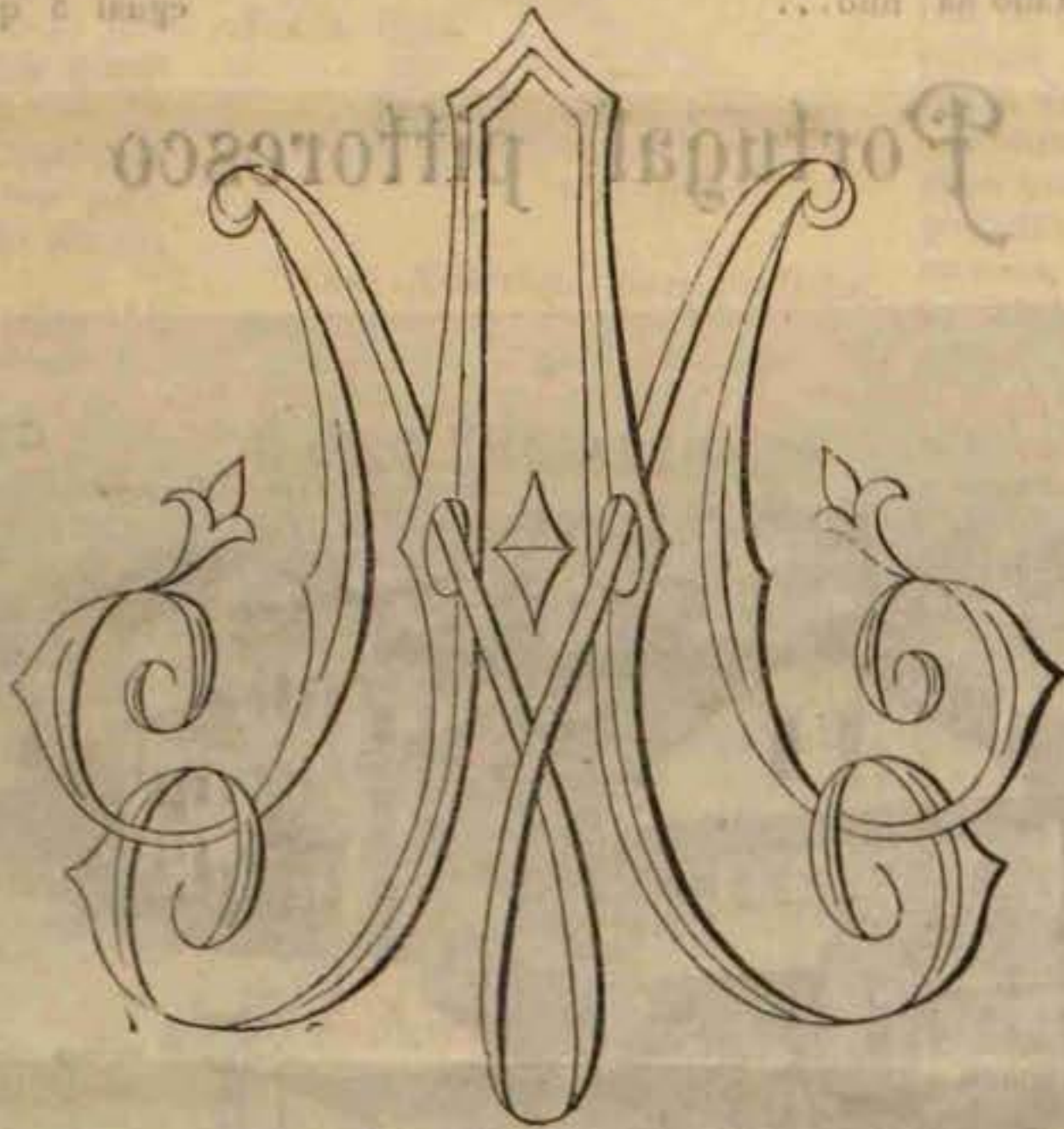
Mede de norte a sul sessenta e três pés; todo o circuito mede cento e onze pés; tem vinte e cinco covados de altura.

E' rodeado por trinta e seis columnas. O lado do levante foi construído

do por Scopas; o do norte por Bryaxis; o do sul por Thimoteo; o do poente por Læchares. A rainha morreu antes do monumento estar concluído, mas os artistas levaram a obra a cabo, lembrando-se de que era um monumento da arte e da sua propria gloria.

O monumento termina por um tron-

BORDADOS E RENDAS



co de pyramide tão alto, como a parte inferior em que assenta; isto é, com vinte e cinco covados de alto, formado por vinte e quatro degraus que vão diminuindo de altura e largura, de baixo para cima. Remata com uma plataforma, sobre a qual está um carro de guerra, puxado por quatro cavallos».

A estas informações antigas, vamos juntar informações de um auctor bem mais moderno.

Num ataque feito pelos turcos aos cavalleiros christãos em 1522, que se encontravam no castello, estes precisando reparar as fortificações damnificadas e não achando cal nem cousa que melhor a substituísse, do que uns degraus de marmore que surgiam do meio dum campo, onde vulgarmente era a grande praça de Halicarnasso, mandaram arrancal-os e aproveitall-os para fazer cal.

Logo que se consumiu a pedra que estava á superficie da terra, começaram a escavar para encontrarem mais.

Quanto mais cavavam, mais pedra encontravam, de maneira que por fim não só se serviam della para fazer cal, mas tambem para construcções.

Passados quatro ou cinco dias, descobriram uma abertura que parecia dar para um subterraneo. Desceram, com luzes, e viram um grande salão quadrangular, adornado em torno com columnas de marmore, esculpidas e lavradas a meio relevo. Nos interval-

los das columnas havia quadros de marmore de varias côres, mettidos em molduras esculpidas, conforme o resto da obra, onde se viam gravadas em baixo scenas de batalhas.

Depois de terem visto tudo, derrubaram as columnas e arrancaram os marmores para fazerem cal e levaram pedra para construcção.

Nesta sala viram uma porta muito baixa que dava para uma especie d'ante camara, onde havia um sepulchro, com uma urna tapada que não abriram por falta de tempo.

Ao voltarem no dia seguinte, viram o tumulo aberto e espalhados em torno muitos bocados de tecido de ouro. Em vista disto, raciocinaram que deviam ter sido os corsarios que ao tempo infestavam a costa que lá tinham entrado por ouvirem fallar na descoberta feita pelos cavalleiros.»

Pelo acima exposto se vê que o soberbo sepulchro, considerado como uma das sete maravilhas do mundo, depois de ter escapado ao furôr dos barbaros, depois de têr estado enterrado mil oitocentos e setenta e dois annos nas ruínas de Halicarnasso, foi descoberto e destruído pelos cavalleiros de Rhodes.

Os tremores de terra, começaram a ruína do Mausoleu, os cavalleiros converteram essas ruínas em pedreira que exploraram.

Apesar d'isso, explorações, posteriormente feitas, não tem sido infructiferas; muitos e notaveis fragmentos tem sido recolhidos, a ponto de encherem toda uma sala do museu de Londres.

RIAMOS...

Galhofa, gargalhada, gargalhada,
Eis o que o Mundo pede e lhe daremos,
No dia em que nós nos capacitemos,
De que elle apenas é ficção e nada.

Galhofa, gargalhada, gargalhada,
Ao Mundo, o que é devido não neguemos,
De tudo o que nos cerca gargalhemos,
E a vida deixará de ser pezada.

Busquemos os motivos para rir,
Em tudo quanto nós vemos e ouvimos,
E nos podres que para ahí sentimos.

Façamos sobre os factos incidir
A nossa gargalhada mais sonora
E ás convenções gritemos: Fóra; Fóra.

«*Pelo amor de Deus*»

De L. Steochetti

Meu senhor, socorra a desgraçada,
Que vive sem ter lar e sem ter pão!
«Pelo amor de Deus, senhor!» — «Não tenho
nada!»
«Pelo amor do seu bem!»... «Tome um tos-
tão».

Imitação

ANGELO PITOU.

Similia Similibus...

Eu andava triste e macambusio,
Assim com um ar sinistro,
Diziam que me parecia com um busio
E até com um ministro.

A causa do meu mal, era a vizinha...
A mulher do Amaro, a bella Ignacia,
E tratar-me, diziam que convinha
E que ao medico eu fosse, ou á pharmacia.

Não podendo co'a atroz melancholia
Que a paixão em minha alma solapára,
Fui alivio pedir a homeopathia
Que só me receitou: *Ignacia Amara*.

ANGELO PITOU.

A VIDA

A João Pacifico

A vida é para uns festim superno;
P'ra outros de soffrerer é floresta:
— Uns bebem nas orgias o falerno,
— E choram outros na choupana mesta.

Recorrendo ao Senhor, piedoso e eterno,
Chora na esteira rigida e modesta,
O pobre desvalido, de olhar terno,
A quem, como descanso, a morte resta!...

A vida é para uns risos e flores,
Floresta da Volupia, bella e vasta;
E p'ra outros um mar de magua e dores!...

Se, para uns, ella é festim doirado;
Se é de orgia salão que dôr affasta,
— A vida, para mim, causa-me enfado!...

EDGARD AYRES.

Guitarra de Romanol

80

E' a vida um mostrador
Onde marcham resolutos:
Grave, o ponteiro da dôr,
Lesto o outro, o dos minutos.

81

Cantigas eu solto aos ares
Para que aos astros dispersos
Leve a brisa em meus cantares
A negra dôr dos meus versos.

82

Apaga os ardentes traços
Do fogo dos meus desejos
Com agulhetas d'abraços,
Com baldes cheios de beijos.

83

Nos modos do verbo amar
Ha tempos que não sei ler,

Nem tu m'os quer's ensinar,
Nem eu os quero aprender.

84

Julga o typo com dinheiro
Ser eterno, já se entende,
E não se lembra o sendeiro
Que a morte nunca se vende.

Pensamentos

A prodigalidade dos milionarios só se
pode comparar á sua avidez em ganhar.

BALZAC.

O silencio offerece não se sabe que abri-
go ás almas simples que soffreram a pro-
fundação sinistra da dôr.

VICTOR HUGO.

O pae, a mãe e o filho, são três amôres
que tem um nome—a familia.

PAULO FÉVAL.

Ser-se util vale mais que ser-se vistoso.

ROBERTSON.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: Jorge M. C.

13—Maio—908.—Tenho difficulda-
de em respondêr-lhe cabalmente porque
o consulente manda-me dizer em que
mês, dia da semana e hora nasceu,
mas esqueceu-se de mencionar o dia
do mês. Esta sina tem, por isso, de
sêr imperfeita, mas o Snr. é o unico
culpado das omissões ou erros que
por ventura néla se encontrem.

Inteligente, estudioso, mas gabaró-
la e fanfarrão. Viajará em países es-
trangeiros e, um certo grau de felici-
dade que o acompanhará toda a vida,
hade despertar a inveja de seus ami-
gos. Apoquentar se ha bastante por
causa de questões de familia, algumas
das quaes serão de certa gravidade.
Bom emprêgo o espera e dentro dêle
e por conta dêle terá grande credito
e consideração. De todos os seus pro-
ximos parentes será o Snr. quem fará
melhor casamento. A liberalidade e o
bom modo para toda a gente serão
as duas qualidades pelas quaes mais
agradará. Pudêra! Quem dá é pae e
todos preferem beijos e dôces a sôcos
e pêras verdes.

Soffrerá varias doenças; uma grave
aos trinta e oito annos. Perdoará fa-
cilmente as ofensas e cêdo se lhe can-
çará a vista, obrigando-o a usar len-
tes para lêr e trabalhar.

Nunca terá grandes bens de fortu-
na mas será remediado, com altas e
baixas de *massa*.

Ha de gostar da pinga, o que lhe
produzirá gôta e uma profunda doen-
ça nos vasos sanguineos e tanto assim
que, aos oitenta annos, lhe estoirará
uma arteria dentro da cabeça e mor-
rerá d'apoplexia.

Até lá não lhe dôa a cabeça.

Consulente: — Antonio E. F. Ju-
nior.

20—Maio—908.—Bom coração,
bôa presença, graça, prudencia e ge-
nerosidade. Muita presunção e grande
amôr pela vida desportiva. Muitas
viagens, gênio dissipador, desejo ir-
resistivel de atirar com o dinheiro pêla
janéla fóra, mas tão feliz que, êle a
sair por um lado, êle a cubrar por ou-
tro. Amará as artes. As mulheres se-
rão o seu calcanhar de Achilles; por
amôr delas terá inumeros desgostos.
Fará um casamento disharmonico.

Velhice triste, não por falta de
meios, mas pela desilusão que trará
ao seu espirito o desmorronar constan-
te dos seus ideaes, castêlos de cartas
que o sr. tomava por edificios de pe-
dra e cal, assentes em solidos alicer-
ces.

Vá vivendo!

G. C.

Veja nas capas as senhas de
consulta e mais requisitos.

VARIEDADES

Toucinho do céu—Põem-se ao lume
num tacho 20 onças de assucar, com agua
e prepara-se uma calda forte e bem clarifi-
cada. Entretanto batem-se numa travessa
duas gemmas d'ovos e lançam-se na calda,
ainda quente, sem deixar de bater. Segui-
damente, banha-se o interior dos moldes
com calda e vae-se, enchendo até metade.

Põe-se tudo em banho-maria, bem tapado
e, quando coalhado, tira-se do lume, de-
ixando-se esfriar antes de o descollar do
molde.

Cumulos

Do asseio—Esgravatar os dentes com um
palito metrico.

Da segurança—Fechar um cofre com a
chave d'um clarinete.

Do viver—Condemnar uma ré—finada.

Da mansidão—Segurar as meias com to-
das as ligas da paz.

Da geometria—Fazer um circulo com um
com um compasso de espera.

CURIOSIDADES

Miniatura preciosa—Cento e cin-
coenta mil hom:ns sobre um metro qua-
drado! Tal é a difficuldade pictural que
acaba de executar o celebre miniturista Van
Driesden que reuniu sobre um cartão dum
metro quadrado os 150.000 soldados fran-
cêzes e inimigos que combateram em Wa-
terloo. Esses soldados são quasi como for-
migas, mas vendo-os com uma lente, podem
seguir-se minuciosamente os movimentos
do batalhão, as marchas, as formaturas e as
cargas de cavallaria.

Semana Alegre

Era em quinta feira da semana santa.
Piron caminhava um pouco êbrio.
Um padre reprehende-o, dizendo-lhe, que
não era bonito, aquillo em semelhante dia.
— Então que quer o amigo? Não é muito
que num dia em que a divindade morre, a
humanidade cambaleie.

QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 4.ª SERIE

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Decifrações

Do numero 46

Rabaçaria — Adissau — Frisa, frisão — Amiã, Amião — Adão — Melga — Alferes — Cabrito, cabrita — Tomsk, Omsk — Sereres — Cautela — A verdade não tem pés e anda — Se o coração fosse de aço não o venceria o dinheiro — Quando a consciencia nos accusa o interesse nos defende — Viuva rica com um olho chora e com outro repica — Não ha legoa pequena nem quartilho grande — Catata.

Do numero 47

Pangaio — Pataco, pataca — Binsca, brinça — Akkalaka — Kirata, — kita — Aturar — Bracha, rocha — Primeiro nós depois vós — Latini com barba e musica com baba — Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes o bom conselho — As feridas mais sensiveis são as feridas do coração — Seja tua a figueira, esteja eu a beira — Melhor é roto do que alheio — Filé.

Do numero 48

Augasa — Barcarola — Avó — Coimbra, cobra — Mauricio, Mauricia — Cerrano, Ruono — Arrau, narra — Macedo — De ruim ninho sae bom passarinho — Agosto tem culpa setembro leva a fructa — No andar e no vestir serás julgado entre mil — Duas ceias más em um só ventre cabem — Acidia — Cal.

Decifradores

DOM

N.ºs 46, 47 e 48

R. Lino — N.º 46, 7, 47, 9, 48, 11 — (27) — Jó Fera — N.º 46, 10, 47, 10, 48, 9 — (29) — Sombrio — N.º 46, 9, 47, 8, 48, 10 — (27) — Adegas — N.º 46, 6, 47, 6, 48, 4 — (16) — Litras — N.º 46, 7, 47, 10, 48, 11 — (28) — Celeste — N.º 46, 8, 47, 10, 48, 12 — (30) — Cabeça d'Agua — N.º 46, 17, 47, 14, 48, 13 — (44) — João da Cidade — N.º 46, 3, 47, 5, 48, 3 — (11) — Ziram — N.º 46, 17, 47, 14, 48, 14 — (45) — Negrão — N.º 46, 2, 47, 5 — (7) — Aurofiju — N.º 46, 6, 47, 8, 48, 10 — (24) — Ze João — N.º 46, 16, 47, 14, 48, 14 — (44) — Bucage — N.º 46, 2, 47, 3 — (5) — Dois cabos do 11 — N.º 46, 7, 47, 7 — (14.)

Charadas

Augmentativa

Este peixe é reptil — 2

B. A.

Transposta

A'sdireitas e ás avessas na linha-2.

B. B.

Syncopadas

3-N'este homem ha dureza epidermia-2.

B. C.

3-Este homem eu conto-2.

B. D.

Decapitada

No—do theatro vi o nome da—que foi—castigada

B. E.

Em phrase

O mais meche na curva-2-2

B. F.

Mulher, mulher e mulher-2 2.

B. G.

Mulher, mulher e mulher-2 2.

B. H.

Metamorphose

Esta mulher é appellido-3. (M. B)

B. I.

Combinada

- + tar=E' delicioso
- + to=E' purgante
- + ta=No mammifero
- + ta=E' mulher
- + lho=Na cara
- Para mortos

(Repete se por ter saído errada no numero antecedente.)

A. D.

Enygmás

Typographicos

T OHNIA

(Repete-se por ter saído errado no numero antecedente.)

A. J.

MONTE

B. J.

Déo

B. K.

Estopadas

Formar o nome d'um actor portuguez com as letras da seguinte phrase:

EH REAL VI SEQUEN

B. L.

Formar o nome d'um poeta portuguez já fallecido com as letras da seguinte phrase:

CALOS, BARBADAS

A. M.

De palitos



Tirando 9 palitos fica um esgare.

B. N.

Artigos a decifrar, 16.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Colchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

Ao meu amigo Arnaldo Gil Fortée Rebello.

O CARNAVAL NA ESCOLA

FADO

da Revista "P'la Tangente" de Bento Mantua e João Bastos.

MUSICA DE ALFREDO MANTUA.

PIANO.

Alleg. gracioso >

pp

meno > (*voce*) *P*

molto *espress.*

f *ad. affrett. un poco*

a tempo *espress.*

ff *p rall.*

1. tempo *pp*

rall. *dim.* *PPP*

Sou o Carnaval sem par } bis
 Que na Escola fui um brinco } bis
 Pois obriguei a pagar } bis
 Por cabeça... trinta e cinco. } bis
 Fiz a feira com asinco
 Depois de varias pelejas
 E tive provas sobejas.
 De agrado em muita fulana
 Que foi ver a Palestana } bis
 E o Comes, Bebes, Despejas. } bis

A todos, ao que'hi se diz } bis
 O riso tendeu a fauce } bis
 Ao metterem o nariz } bis
 Na minha Electrical-Hause } bis
 As partituras de Strauss
 A capricho instrumentadas
 Foram bem executadas
 Sem sifias e outros transformos,
 P'la guarda d'ar cheiros mornos } bis
 E as ceganças abananadas! } bis

Letra de
 BENTO MANTUA.
 RM. 6.R.